



O Camponês

ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

A FARSA ELEITORAL

No seu número 112 «O Camponês» tinha razão ao afirmar que as «eleições» para deputados, em Novembro de 1965, se enquadravam numa situação política muito delicada para o país e em face dessa realidade era de esperar do fascismo maior repressão, mais violências e arbitrariedades. Foi precisamente isso que se verificou.

Como a guerra colonial é o ponto mais sensível e melindroso do regime de Salazar e como hoje o governo teme mais do que nunca um movimento de massas, que abra brechas mortais no seu edifício, os salazaristas, não só criaram todas as dificuldades à Oposição na apresentação de listas de Candidatos, como lançaram uma desesperada ofensiva de terror político, ameaças e prisões; reagiram com furor ao Manifesto da Oposição, sobretudo na questão da independência das colónias, organizando, à pressa, manifestações fascistas, cheios de histerismo, com vista a dar uma aparência de «unidade nacional» na questão ultramarina, assustar a Oposição, paralisar a sua actividade e evitar a agitação popular.

A farsa eleitoral mostrou mais uma vez ao país como o salazarismo teme em conceder liberdade à Oposição, como se recusa pela força em ouvir a voz do povo e como está divorciado dos interesses da Nação. Um aspecto da farsa eleitoral não foi só repetir o carácter anti-democrático das «eleições» salazaristas, mas demonstrar que o salazarismo está mais isolado, que não só vive a crise mais grave da sua história, como essa crise entrou numa fase que se aprofunda dia a dia e só terminará com o derrubamento da ditadura. Aliás, Salazar, no seu discurso nas vésperas das «eleições» é claro como a luz do

dia na falta de perspectiva do regime. É o discurso mais fraco da sua vida. Ele traduz o caos, o beco sem saída em que se encontra o país. Salazar fingiu ignorar os grandes problemas que afligem a Nação e exigem solução.

O dia 7 de Novembro foi uma demonstração do isolamento do regime, como a Nação não está com Sa-

lazar. Quem se via nas secções de voto? Onde estavam as «multidões», a «massa» do povo a votar? Viam-se alguns velhos, coxos, cegos, aleijados, freiras, as autoridades civis e militares, os grandes capitalistas. São estas «multidões» que apoiam Salazar! As elevadas percentagens anunciadas não passam de uma

(continua na 4.ª pag.)

REALIZOU-SE O VI CONGRESSO DO P.C.P.

O VI Congresso do Partido Comunista Português, que teve lugar há pouco, marca um acontecimento político histórico na luta do nosso povo pela liberdade. O Congresso iniciou os seus trabalhos com uma alocução de MANUEL RODRIGUES DA SILVA, grande amigo dos trabalhadores, que passou 23 anos nas masmorras salazaristas.

Os documentos fundamentais do Congresso, aprovados, na base dos quais é feita uma análise profunda da actual situação política portuguesa, que põem de forma clara e objectiva as grandes tarefas dos trabalhadores e do povo português na luta pelo derrubamento do fascismo e pela conquista da liberdade, na luta pela Revolução Democrática e Nacional, são: Relatório sobre a actividade do C.C., apresentado por ÁLVARO CUNHAL; Relatório sobre organização, apresentado por JOAQUIM GOMES; o novo PROGRAMA e os novos ESTATUTOS; um APÉLO à classe operária ao povo e a todos os anti-fascistas. Todos os materiais do Congresso estão impregnados de um largo espírito de unidade e de acção e de uma análise objectiva à realidade nacional e internacional.

O VI Congresso, dirigindo-se aos

trabalhadores da cidade e do campo, aos camponeses, aos pescadores, aos intelectuais, à juventude, às mulheres, aos soldados, à pequena burguesia urbana, a todos os anti-fascistas, lança-lhes um firme apelo: «UNAMO-NOS NA LUTA PELA LIBERDADE!». O Congresso indica que, ante a política de traição cada vez mais aberta do salazarismo aos interesses do povo, ante a política de exploração brutal dos trabalhadores, o crescimento da sua miséria, a ruína dos pequenos produtores, o aumento da repressão, o agravamento das guerras coloniais, a entrega do país ao estrangeiro tudo para servir apenas um grupo de monopólios e de grandes agrários, só há um caminho justo: INTENSIFICAR, ALARGAR, UNIR E ORGANIZAR cada vez mais a luta pelo Pão, pela Liberdade, contra as guerras coloniais, pela Amnistia, pela Independência Nacional, pelo derrubamento imediato da ditadura fascista.

O Congresso deu grande importância à unidade de acção das forças democráticas. Salienta: «A grande tarefa imediata é a acção unida de todas as forças anti-fascista contra o inimigo comum para varrer o

(continua na 3.ª pag.)

Boas Festas!

As Nossas Lutas e

ALVALADE (Sado)—Na Herdade do Carvalhal, o proprietário Banza quis tirar, sem lhes aumentar a jorna, 5 trabalhadores do trabalho geral para irerem pesa cortiça. Os valentes trabalhadores recusaram-se a ir fazer esse trabalho por menos de 50\$00 à jorna. A firmeza e unidade destes trabalhadores forçou o Banza a satisfazer a sua reivindicação e a desistir de os obrigar a fazer horas extraordinárias.

—A jorna mínima no trabalho de plantação, tratamento e rega do tomate foram de 30\$00 em quase toda a região de Alvalade. Alguns trabalhadores como por exemplo os 12 que trabalhavam nos «coitos» do agrário «Saiote», conseguiram, através da sua luta, jornas de 36\$00 e 5\$00 por cada hora extraordinária.

—Na lavra do tomate das Fontainhas onde trabalhavam de empreitada 12 mulheres, o encarregado Eduardo Lavaredas para ver se ganhava no fim da colheita uma boa «gorjeta» do patrão, recorreu a todos os processos para diminuir as jornas destas trabalhadoras. Refugava-lhes caixas de tomate que não eram contadas, mas que seguiam para a fábrica como sendo boas e exigia que elas as carregassem para o tractor. Só a firmeza destas corajosas trabalhadoras que protestaram contra o roubo de que estavam a ser vítimas e se recusaram a carregar as caixas para o tractor impediu que este ladrão as continuasse a roubar como vinha fazendo.

—Na fábrica de tomate desta localidade os trabalhadores são vítimas da mais infame exploração. As jornas são de 20\$00 e nos turnos nocturnos não beneficiam de nenhum aumento salarial. O patronato exige dos operários cada vez mais produção. Dantes, os trabalhadores que estavam a consertar caixas iam colocando num só monte as que iam consertando. Este ano, o encarregado Joaquim Carraça para poder controlar o que cada um faz, exigiu que cada um faça o seu monte.

SANTIAGO DE CACÉM—Nos fins de Julho cerca de 30 agricultores desta região concentraram-se no Grémio da Lavoura para que lhes fosse pago o trigo que lhe venderam. Depois de estarem quase

um dia inteiro à espera do presidente, Dr. Falcão este só apareceu às 16 horas, fechando o Grémio às 17, para dizer umas «larachas» em vez de procurar solucionar a aflitiva situação dos agricultores.

COVA DO GATO (Santiago de Cacém)—Já há tempo que os trabalhadores da Cerâmica Sul e Sado vinham recorrendo a vários processos de luta por aumento de salário.

Em Setembro do corrente ano os homens que fazem o trabalho de enfora e desenfora exigiram junto do patrão a jorna de 39\$90 quando fizessem este trabalho em vez dos 29\$70 que costumavam receber. O patrão não teve outro remédio senão satisfazer esta reivindicação dos trabalhadores. Nesse mesmo mês enviaram uma exposição à direcção do Sindicato da Indústria Cerâmica com 9 assinaturas em que solicitavam a revisão dos actuais salários visto os 29\$70 que ganhavam não corresponderem ao violento trabalho que executam.

Em seguida, tendo em conta a experiência dos 9 jovens, que para conseguirem o aumento salarial de 4\$80 em Julho tiveram que recorrer à «cêra», também eles recorreram a esta forma de luta para forçarem o patrão a conceder-lhes aumento de salário. Como resultado da sua firme disposição de luta por melhores salários, os homens acabaram de conquistar um aumento de 6\$00.

S. DOMINGOS DA SERRA—Um rancho de mulheres que andava na apanha do tomate a 1\$00 a caixa na Herdade do Porto do Carro por conta do agrário Luis Duarte, conseguia tirar jornas de 30 a 40\$00 nas 8 horas. Este agrário pretendeu que as trabalhadoras continuassem, na 3ª apanha, a apanhar o tomate ao mesmo preço da 1ª e 2ª, mas elas recusaram-se a aceitar esse preço porque, nas 8 horas, não conseguiriam tirar mais que uns 15\$00 e exigiram 18\$00 à jorna. Como ele se recusasse a pagar esta jorna as trabalhadoras abandonaram o trabalho e o explorador do Luis Duarte, se quiz o tomate apanhado, teve que satisfazer as condições que elas exigiram.

MONTEMOR-O-NOVO—Nesta região, os trabalhadores da apanha da azeitona conquistaram jornas de 35\$00 para os homens e de 20\$00 para as mulheres com o horário das 8 horas.

Nalguns agrários mais teimosos tiveram que recorrer a pequenas paralisações para conseguirem estas jornas. Por todo o lado, duma maneira geral, a reivindicação saiu vitoriosa. Apenas, por não terem lutado, um número muito reduzido de trabalhadores não recebe estas jornas.

BEJA—O desemprego continua a flagelar esta região. Mesmo durante as ceifas, dada a larga utilização das máquinas, centenas de homens e mulheres estiveram desempregados. Em Salvada, Albernôa, Minas da Juliana, Trindade, etc., há muitos trabalhadores sem trabalho.

MOITA DO RIBATEJO—Cerca de 100 trabalhadores que trabalham na «Cerâmica Lusitânia» elegeram uma Comissão de Unidade que foi junto do patrão reivindicar aumento de salário conquistando um aumento geral de 10\$00.

COMPANHEIROS! O relato que acabamos de fazer das lutas travadas e vitórias alcançadas pelos operários agrícolas e trabalhadores cerâmicos são uma prova de que só com a nossa luta UNIDA E FIRME podemos forçar o patronato explorador a satisfazer as reivindicações porque lutamos. Se não lutassemos a nossa situação seria incomparavelmente pior do que é. Quando cruzamos os braços às condições que o patronato e seus lacaios nos querem impôr, sucede o mesmo que aos trabalhadores da fábrica de tomate de Alvalade que só recebem 20\$00 de jorna inclusive os que trabalham de turno e são obrigados a fazer cada um o seu monte com os caixotes que concertam para que o patrão possa controlar o que cada trabalhador produz.

Os exploradores recorrem a todos os processos de exploração para, à custa do nosso suor, aumentarem os seus lucros.

Quando se espera que os organismos corporativos e seus dirigentes fascistas resolvam a nossa aflitiva situação sem nos unirmos e

os Nossos Problemas

LUTEMOS POR MELHORES JORNAS NA APANHA E DESCASQUE DO PINHÃO

lutarmos, acontece o mesmo que aconteceu aos 30 agricultores de Santiago de Cacém. Da sua diligência junto do Grémio apenas trouxeram os ouvidos cheios de «larachas» do Dr. Falcão, mas as algibeiras ainda vinham mais vazias do que quando saíram de casa. O descontentamento só por si não chega. É necessário traduzir-se em acção. Se os agricultores da região de Santiago de Cacém se tivessem ORGANIZADO, UNIDO e escolhido a sua COMISSÃO de UNIDADE teriam forçado, tal como forçaram os colonos de Pegões a J.C.I. a pagar-lhes o vinho de 1963, o Grémio a pagar-lhes o trigo.

UNAMO-NOS NA LUTA PELA SATISFAÇÃO DAS NOSSAS REIVINDICAÇÕES!

Trabalhadores Das Esgalhas!

Lutemos por melhores jornas e melhores condições de trabalho nas esgalhas.

Recusemo-nos a trabalhar por menos de 35\$00 e as 8 horas.

Conversemos uns com os outros e reforçemos a nossa unidade de acção!

Auxílio a «O Camponês».

Continuamos a publicar todas as dávidas enviadas pelos nossos leitores e amigos. Apelamos para que elas se intensifiquem e alarguem porque elas permitirão a continuidade e a melhoria do jornal que defende os vossos interesses.

Campanha dos 10 contos..	10\$00
José Adelino dos Santos (1 Cupão).....	50\$00
Liberdade para os presos Políticos.....	50\$00
Longa Vida.....	5\$00
Pela Independência de Portugal.....	40\$00
Pela Reforma Agrária.....	30\$00
IDEM.....	30\$00
Solidariedade.....	15\$50
IDEM.....	11\$00
IDEM.....	11\$00
IDEM.....	3\$00
Total.....	255\$50

Todos nós sabemos como é violento este trabalho de subir e descer pinheiros durante 8 horas para derrubar as pinhas e extrair-lhes o pinhão, mas talvez muitos ainda não saibam os enormes lucros que os exploradores obtêm à custa do nosso suor.

Na safra anterior, na região de Samora Correia, a nossa jorna foi de 60\$00 e as 8 horas. Não é novidade para nenhum de nós que cada trabalhador tira uma média de 5 medidas (100 litros) de pinhão nas 8 horas de trabalho e que cada medida é vendida pelo patrão a 60\$00. Portanto, como podemos verificar, cada um de nós produz o valor de 300\$00 para recebermos só 60\$00. O patrão fica com 240\$00 daquilo que produzimos ou seja 4 vezes mais que a jorna que nos paga. Ao fim de uma hora e 37 minutos de trabalho podemos dizer que estamos a trabalhar de graça para o patrão.

Mas a exploração patronal não fica por aqui. Ele dá o pinhão a descascar às mulheres a 20\$00 a medida de 20 litros para o vender depois à 98 e 100\$00 a medida.

Estas mulheres que apenas conseguem tirar de 14 a 15\$00 de jorna dão um lucro ao patronato explorador de 78 a 80\$00 em cada medida. Ao fim duma hora e 40 minutos de trabalho também elas podem dizer que estão a trabalhar de graça para o patrão. Depois do pinhão descascado, o patronato, à custa do nosso suor e sofrimento, tem um lucro de 128\$00 em cada medida. Trabalhadores da apanha e descasque do pinhão! Nós dispomos duma poderosa arma que, se a soubermos utilizar, fará diminuir os enormes lucros do patronato com a subida das nossas jornas de que tanto necessitamos.

Essa arma é a nossa UNIDADE E FIRMEZA NA LUTA.

Unamo-nos pois, na luta por melhores jornas e melhores condições de trabalho. Conversemos uns com os outros e formemos Comissões de Unidade com homens e mulheres dispostos a coordenar a acção entre os trabalhadores das localidades que executam o trabalho da apanha e descasque do pinhão:

UNIDOS VENCEREMOS!

REALIZOU-SE O VI CONGRESSO

(continuação da 1.ª pag.)

fascismo da terra portuguesa e conquistar a liberdade política». Neste sentido o Congresso sugere a realização de uma Conferência de todas as forças da Oposição.

Referindo-se à organização dos trabalhadores, o Congresso indica como tarefa decisiva, para dirigir com êxito a luta, a realização de reuniões, de assembleias; a formação de Comissões de unidade, sindicais, Comités de greve e outras formas. Que os trabalhadores utilizem cada vez mais os Sindicatos, as Casas do Povo, as Casas de Pescadores na luta em defesa dos seus direitos.

O Congresso, dando especial importância aos interesses da população laboriosa do campo, sublinhou que a solução para os grandes problemas dos trabalhadores rurais e dos camponeses sem ou com pouca terra, a solução para a crise crónica da agricultura nacional, para o seu desenvolvimento progressivo e

florescente está indicada no Programa do Partido Comunista — na realização de uma verdadeira REFORMA AGRÁRIA entregando a terra a quem a trabalha, prestar todo o auxílio material, técnico, financeiro, próprio de uma política agrária democrática.

Referindo-se à perspectiva revolucionária, à via para conquistar a liberdade, o Congresso indica ao nosso povo: «Para derrubar o fascismo e instaurar a Liberdade, o povo português terá de recorrer ao levantamento nacional, à insurreição popular armada... Com vista à criação das condições para a insurreição, as tarefas fundamentais são o desenvolvimento da luta popular de massas, o trabalho de organização, a unidade das massas populares e a unidade das forças anti-fascistas... Preparemos com a luta de hoje a insurreição de amanhã».

ELEIÇÕES NAS CASAS DO POVO!

O governo de Salazar acabou com as Associações Livres dos trabalhadores e criou então as chamadas «Casas do Povo». Elas não são outra coisa senão um campo de propagação demagógica do governo e um «tacho» para os «afilhados» e lacaios dos grandes agrários. A maioria das 603 Casas do Povo, com os seus 250 mil sócios efectivos e 200 mil sócios contribuintes (pequenos e médios componeses) têm mais de 20 anos de existência. Entretanto ninguém se lembra de ter havido nelle eleições. As suas direcções, ou são Comissões Administrativas, nomeadas pelo governo, ou são formadas pelos «afilhados» dos agrários, por aqueles senhores sem profissão e que querem ganhar a «bocha» de costas direitas. Os Estatutos não são cumpridos e servem apenas para fins demagógicos do salazarismo.

Contudo, apesar das Casas do Povo estarem sob o controle do governo e dos grandes agrários, apesar de, nas direcções estarem anixados os seus serventúrios, elas podem e devem ser transformadas numa arma de luta dos trabalhadores do campo em defesa dos seus interesses de classe.

Nestes últimos 20 anos a experiência da nossa luta demonstrou-nos ser errada a ideia do abandono das Casas do Povo. Essa posição de desprezo e abandono não serve os nossos interesses. Só nos prejudica. Os nossos direitos defendem-se na luta unida e organizada. A experiência prova-nos que, mesmo com as Casas do Povo nas mãos do governo, através da luta, podemos defender os nossos direitos. Os trabalhadores de Avis, Alparça, Almeirim, Benavente, Benavila, Boleição, Beja, Cabeção, Conço, Coruche, Campo Maior, Évora, Escoural, Grândola, Montemor-o-Novo, Pias, Redondo, Santiago de Cacém e de muitas outras terras, nos períodos de crise, concentrando-se às centenas nas Casas do Povo conquistaram trabalho, melhores jornas e condições.

Não podemos apenas limitar a nossa acção nas Casas do Povo a reivindicar trabalho, organizemos a luta para as conquistar!

Porjemos um vasto movimento de massas por eleições livres nas Casas do Povo. Lutemos por direcções escolhidas e eleitas por nós, direcções for-

A FARSA ELEITORAL

(continuação da 1ª pag.)

grosseira falsidade que não conven- ce ninguém. Essas percentagens são fáceis de fazer. Não são precisas máquinas electrónicas! Os depu-

tados «eleitos» foram escolhidos pelos fascistas, representam os interesses dos monopólios nacionais e estrangeiros e dos grandes agrários.

A OPOSIÇÃO APRESENTOU-SE UNIDA NAS DESORGANIZADA

A apresentação de listas unitárias em 5 distritos — Braga, Lisboa, Leiria, Porto e Viseu —, o aparecer unida à volta de pontos comuns, como a luta pela liberdade política, pela independência das colónias, a luta contra a repressão fascista, constitue uma grande vitória das forças da Oposição. O aparecimento dos católicos progressistas e dos monárquicos liberais, com os seus manifestos ao país e dando apoio aberto ao Manifesto da Oposição, é um factor muito positivo da luta das forças anti-fascistas contra Salazar, e abre perspectivas para o desenvolvimento da unidade anti-fascista. A grande aspiração do povo português de conquistar a Liberdade, quebrar as algemas e poder respirar dias livres vai ganhando para a luta novos milhares de portugueses.

Porém, se a Oposição apareceu unida, não apareceu devidamente organizada. Sofria da falta de estrutura orgânica, da existência de muitas Comissões Eleitorais que mobilizassem e organizassem as amplas massas populares. Esta foi e é uma grande fraqueza da Oposição. Sem organização não se pode mobilizar nem dirigir as massas. A desistência prematura da Oposição está ligada em grande parte à falta de organização que se

traduziu na incapacidade para mobilizar as massas contra a ofensiva do fascismo e ganhá-las para a luta pelas reivindicações da Oposição.

Trabalhadores!

O salazarismo intrincheira-se no poder; oprime, explora e sacrifica cada vez mais o povo e a Nação em prol dos monopólios, do estrangeiro e dos grandes agrários. Só há um verdadeiro caminho para derrubar o fascismo, conquistar a Liberdade e marchar em direcção do progresso e da prosperidade: **alargar e reforçar mais a unidade de acção dos trabalhadores e de todos os anti-fascistas, organizar e organizar cada vez mais a luta e passar a batalhas superiores contra a ditadura com vista ao levantamento nacional, à insurreição popular armada.** Se todos os portugueses unirem as suas forças e passarem a uma frente de combate os dias da ditadura salazarista serão curtos.

A conquistada Liberdade está nas nossas mãos!

Escutai Rádio Portugal Livre!

Transmite diariamente das 7 às 7,30 em 25 metros; das 19 às 19,30 e 21,15 às 21,45 em 32 metros; e das 23,30 às 23,50 em 36, 40 e 43 metros.

Aos domingos, em emissão especial, dedicada aos camponeses, das 12 às 12,30 em 19, 20, 25 e 26 metros.

Rádio Moscovo

Transmite todos os dias para Portugal, das 18,30 às 19 e das 19,30 às 20 horas em 31, 41 e 49 metros ondas curtas.

11 6 66